

**COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E CULTURA**  
**REQUERIMENTO N° , DE DE DEZEMBRO DE 2012**  
**(Do Sr. PENNA)**

*Requer a realização de Audiência Pública para discutir a importância de Vinicius de Moraes para a cultura brasileira.*

Senhor Presidente,

Requeremos a Vossa Excelência, nos termos do art. 255 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, a realização de Audiência Pública para discutir a importância do músico e compositor e poeta, Vinicius de Moraes, para a arte e a cultura brasileira.

Para tanto, encaminharemos a lista com o nome dos convidados posteriormente.

**JUSTIFICATIVA**

Este ano o país comemora o centenário de nascimento de Vinicius de Moraes, solicitei ao Ilustre Historiador Ricardo Cravo Albin para elaborar esta justificativa.

**O Poeta da paixão**

Saudade, muita saudade do poetinha. Aliás, eu sempre considerei a palavra “poetinha” um tanto inapropriada a Vinícius, um poetão, um poetaço. Porque o diminutivo havia sido usado pejorativamente pelo General Costa e Silva quando lhe cassou a carreira de diplomata pelo AI-5 (em 13 de dezembro de 1968), com o agravante insultuoso do acréscimo do adjetivo vagabundo.

Vinícius de Moraes – que nunca foi um poetinha qualquer e muito menos um vagabundo – será lembrado não só como o maior lírico do seu tempo senão também como o maior letrista da MPB, uma síntese sofisticada de Orestes Barbosa e Noel, se me permitem o desvario das comparações inexatas.

Vinícius, um ser humano plural, até pelo vaticínio da letra S em seus dois

nomes, não foi somente isso. Ele foi muitíssimo mais. Além de letrista, era compositor, e dos bons. Aí estão jóias que não me deixam mentir, como “Serenata do Adeus” ou “Medo de Amar”, duas canções dotadas de insinuantes melodias.

Vinícius, logo depois de cassado pela truculência do AI-5, me disse, em noite de desconsolo no Antonio's, que iria dar um troco na ditadura, fazendo shows para os universitários do Brasil. Dito e feito. Tanto que o espetáculo “O poeta, a moça e o violão” (com Toquinho de um lado e do outro Maria Creuza, ou Maria Bethânia, ou Clara Nunes, ou Maria Medaglia) representou um farol de luz, beleza e dignidade na noite daqueles anos de chumbo. Nos anos 70, pois, enquanto muitos de seus melhores amigos estavam exilados, Vinícius resistia, dardejante, jogando beleza e verdade de suas músicas com Toquinho, seu derradeiro parceiro, as canções mais cantadas da década, lado a lado com os sambas de Martinho da Vila.

Pois bem, a importância de Vinícius de Moraes como personagem da música e poesia brasileiras ainda precisa ser avaliada. A meu ver, ela foi muito maior do que se pensa. Agora, o que não pode mesmo ser medido é a importância do hoje mito como ser humano. A não ser pelos que tiveram a felicidade de conviver com ele. Eu, por exemplo, jamais topei com ninguém pela vida com tal carga de generosidade. Vinícius era um bom, na melhor acepção da palavra.

Inicialmente que o digam suas quase dez ex-mulheres. Ao acabar o amor, imortal naturalmente, enquanto durasse, Vinícius saía de casa apenas com a escova de dente. O resto (casa, carros e “otras cositas más”) ele largava para lá e ia em frente.

Nós, seus muitos amigos, éramos freqüentes testemunhas de sua generosa delicadeza. Pequeninos gestos de grandeza definiam-lhe a dimensão: dar sempre esmola a um pedinte ou pagar a conta de bar para amigos mais necessitados eram atos corriqueiros no dia-a-dia do poeta.

Não se pense, contudo, que Vinícius fosse um santinho de altar. Ele adorava destilar sua fina ironia, mas com o cuidado de não ferir ninguém muito profundamente.

Certa vez, em roda do Conselho de Música Popular, do MIS, de que Vinícius era integrante, seu também advogado, o pianista Mário Cabral, desancou um certo compositor da moda. Enquanto todos os demais conselheiros ajudavam a apedrejá-lo, Vinícius, quietinho no seu canto, não emitiu uma só palavra, a não ser quando lhe solicitei uma opinião. E ele: “ – Vocês estão muito radicais. O rapaz até que é simpátinquinho. Não é que eu goste, mas aqueles bolerinhos

dele me dão uma certa saudade. Uma saudadinha até interessante. E vocês sabem, música é como mulher, tem que inspirar algum sentimento. Mesmo um cheirinho inda que quase inodoro..."

## **Um verbete de honra no Dicionário Cravo Albin em 50 tópicos**

### **Vinícius de Moraes**

1. Seu pai, Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, era funcionário da Prefeitura, poeta e violonista amador, e sua mãe, Lidia Cruz de Moraes, era pianista amadora. Nasceu no bairro da Gávea e em 1916 mudou-se com a família para Botafogo, onde estudou na Escola Primária Afrânio Peixoto e onde escreveu seus primeiros versos. Em 1922, sua família mudou-se para a Ilha do Governador, mas ele permaneceu com a avô, a fim de terminar o curso primário. Durante as férias, nos fins de semana na Ilha, seus pais costumavam receber em casa a presença de Henrique de Melo Moraes, tio de Vinícius, e do compositor Bororó, o que garantia sempre boa música. Em 1924, ingressou no Colégio Santo Inácio, onde passou a cantar no coro e principiou a montar pequenas peças de teatro. Em 1927, tornou-se amigo dos irmãos Paulo e Haroldo Tapajós, com quem formou um conjunto que se apresentava em festas na casa de amigos e com quem começou a escrever suas músicas iniciais. Em 1929, concluiu o curso ginásial e sua família voltou a morar na Gávea. Nesse mesmo ano, ingressou na Faculdade de Direito do Catete, onde conheceu e tornou-se amigo do romancista Otávio Faria que o incentivou na vocação literária. Concluiu o curso de Direito em 1933. Em 1936, obteve o emprego de censor cinematográfico junto ao Ministério da Educação e Saúde. Em 1938, ganhou uma bolsa do Conselho Britânico para estudar língua e literatura inglesas em Oxford. Em 1941, retornou ao Brasil empregando-se como crítico de cinema no jornal "A Manhã". Tornou-se também colaborador da revista "Clima" e empregou-se no Instituto dos Bancários. Em 1942, foi reprovado em seu primeiro concurso para o Itamarati. Em 1943, tornou a concorrer e foi aprovado. Em 1946, assumiu o primeiro posto diplomático em Los Angeles como vice-cônsul. Em 1950, com a morte do pai, retornou ao Brasil. Nos anos 1950, atuou diplomaticamente em Paris e em Roma, onde costumava realizar animados encontros na casa do escritor Sérgio Buarque de Holanda.
2. Em 1928, compôs "Loura ou morena" (c/ Haroldo Tapajós), foxtrote gravado em 1932 pela dupla Irmãos Tapajós, primeiro registro de sua atuação como letrista.
3. Em 1933, publicou seu primeiro livro, "O caminho para a distância". Em seguida, foram gravadas outras canções de sua autoria: "Dor de uma saudade" (c/ Joaquim Medina), por João Petró de Barros e Joaquim Medina, em 1933, "O beijo que você não quis dar" (c/ Haroldo Tapajós)

e "Canção da noite" (c/ Paulo Tapajós), ambas pelos Irmãos Tapajós, em 1933, "Canção para alguém" (c/ Haroldo Tapajós), pela mesma dupla, em 1934. Nesse período, estabeleceu amizade com os poetas Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e Mário de Andrade. Ainda na década de 1930, foi contemplado com o Prêmio Felipe D'Oliveira por seu livro "Forma e exegese" (1935) e lançou o livro "Ariana a mulher" (1936).

4. Na década de 1940, publicou os livros "Cinco elegias" (1943), que marcou uma nova fase em sua poesia, e "Poemas, sonetos e baladas" (1946), ilustrado com 22 desenhos de Carlos Leão. Atuou como jornalista e crítico de cinemas em diversos jornais. Em 1947, lançou, com Alex Vianny, a revista "Filme". Dois anos depois, publicou em Barcelona o livro "Pátria minha".
5. Em 1951, já de volta ao Brasil após um período nos Estados Unidos, começou a trabalhar no jornal "Última Hora", exercendo funções burocráticas na sede do Ministério das Relações Exteriores, na antiga Rua Larga, Palácio do Itamaraty, ao lado do também futuro escritor Afonso Arinos de Mello Franco.
6. Em 1953, Aracy de Almeida gravou "Quando tu passas por mim" (c/ Antônio Maria), primeiro samba de sua autoria, dedicado à esposa Tati de Moraes, marcando literariamente também o fim do casamento. No mesmo ano, foi para Paris como segundo secretário da embaixada.
7. No ano seguinte, Aracy de Almeida registrou mais uma de suas parcerias com Antônio Maria, "Dobrado de amor a São Paulo". Também em 1954, sua peça "Orfeu da Conceição" foi premiada no concurso do IV Centenário de São Paulo e publicada na revista Anhembi.
8. No ano seguinte, publicou sua "Antologia poética".
9. Em 1956, montou a peça "Orfeu da Conceição", com cenário de Oscar Niemeyer e música de um jovem pianista que lhe foi apresentado por Lúcio Rangel, no Bar Gouveia, em frente à Academia Brasileira de Letras: Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim. A trilha sonora incluiu "Lamento no morro", "Se todos fossem iguais a você", "Um nome de mulher", "Mulher sempre mulher" e "Eu e você". As canções foram

lançadas em disco por Roberto Paiva, Luiz Bonfá e Orquestra. Desse encontro, nasceria uma das mais fecundas parcerias da MPB, que marcaria definitivamente a música brasileira. A peça estreou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. No mesmo ano, o fox "Loura ou morena" foi gravado por Joel de Almeida.

10. No período de 1957 a 1958, o diretor francês Marcel Camus filmou, no Rio de Janeiro, "Orfeu do carnaval", que recebeu o nome de "Orfeu".
11. Em 1957, teve gravadas várias canções de sua autoria: "Bom-dia, tristeza" (c/ Adoniran Barbosa), por Aracy de Almeida, "Se todos fossem iguais a você" (c/ Tom Jobim), por Tito Madi, "Eu não existo sem você", por Bill Farr, e "Serenata do adeus", por Agnaldo Rayol. Nesse mesmo ano, foi transferido para Montevideu, onde permaneceu até 1960.
12. Em 1958, Elizeth Cardoso lançou o LP "Canção do amor demais", contendo canções de sua parceria com Tom Jobim, como "Luciana", "Estrada branca" e a faixa-título, entre outras, além de "Chega de saudade" e "Outra vez", registrando a 'batida diferente' de um jovem violonista: João Gilberto. Nascia ali a Bossa Nova. João Gilberto só lançaria sua versão de "Chega de saudade" quatro meses depois da gravação de Elizeth Cardoso.
13. Em 1959, Lueli Figueiró gravou "A felicidade" e "O nosso amor", ambas feitas para a trilha sonora do filme "Orfeu do carnaval". "A felicidade" foi também gravada, no mesmo ano, por Severino Araújo e Sua Orquestra e por Chiquinho do Acordeom. Ainda em 1959, Lenita Bruno lançou o LP "Por toda minha vida", contendo parcerias do poeta com Tom Jobim. Nesse mesmo ano, o filme "Orfeu do carnaval" foi contemplado com a Palma de Ouro no Festival de Cannes e o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, em Hollywood. Também em 1959, Albertinho Fortuna gravou "Eu sei que vou te amar" (c/ Tom Jobim), que logo viria a se tornar um clássico com inúmeras regravações. No mesmo período, Diana Montez gravou "O nosso amor" (c/ Tom Jobim), canção também lançada na trilha sonora do filme, juntamente com "A felicidade", por Agostinho dos Santos e, logo depois, por João Gilberto em compacto duplo.

14. Em 1960, mais gravações por Jandira Gonçalves ("Janelas abertas", com Tom Jobim) e Maria Porto de Aragão ("Bate coração", com Antônio Maria).
15. Em 1961, registrou sua voz em disco contendo os sambas "Água de beber" e "Lamento no morro", ambos com Tom Jobim. No mesmo ano, a Banda do Corpo de Bombeiros gravou a marcha-rancho "Rancho das flores", versos do poeta sobre tema de "Jesus, alegria dos homens", de J. Sebastian Bach. Ainda em 1961, tornou-se parceiro de Carlos Lyra nas canções "Você e eu", "Coisa mais linda" "Primeira namorada" e "Nada como te amar". Também nesse ano, foi inaugurado no Rio de Janeiro o Teatro Santa Rosa, com uma peça de sua autoria, Pedro Bloch e Gláucio Gil, "Procura-se uma rosa", filmada depois pelo cinema italiano com o nome de "Una Rosa per Tutti". O longa-metragem foi rodado no Rio e estrelado por Cláudia Cardinale.
16. Em 1962, a Banda do Corpo de Bombeiros gravou "Serenata do adeus", Orlando Silva gravou "Canção da eterna despedida" (c/ Antônio Carlos Jobim) e Ângela Maria gravou "Em noite de luar" (c/ Ary Barroso). No mesmo ano, publicou "Antologia poética", "Procura-se uma rosa", e "Para viver um grande amor", livro de crônicas e poemas. Compôs, com Pixinguinha, a trilha sonora do filme "Sol sobre a lama", de Alex Vianny. Escreveu letras para dois chorinhos desse parceiro, "Lamento" e "Mundo melhor", que logo se tornariam clássicos. No mesmo período, nasceu a parceria com Baden Powell, que renderia inúmeros sucessos, entre os quais "Só por amor", "Canção de amor e paz", "Pra que chorar", "Tem dó", "Tempo feliz", "Formosa", "Apelo", "Samba em prelúdio", "Canto de Ossanha" e muitos outros, além de "Samba da bênção", que mais tarde seria incluído na trilha sonora do filme "Um homem e uma mulher", do diretor francês Claude Lelouch. Em agosto de 1962, participou, juntamente com Tom Jobim, João Gilberto e Os Cariocas, de um dos mais importantes shows da bossa nova, "Encontro", realizado na Boate Au Bon Gourmet (RJ), onde foram lançadas, entre outras, "Garota de Ipanema", "Só danço samba", "Insensatez", "Ela é carioca" e "Samba do avião", que se tornariam clássicos da música popular brasileira. Na mesma casa noturna foi montada a peça "Pobre menina rica", de sua autoria, cuja trilha sonora, em parceria com Carlos Lyra, trazia canções como "Sabe você", "Primavera" e "Samba do carioca", lançando a cantora Nara Leão. No mesmo período, compôs com Carlos Lyra "Marcha da quarta-feira de cinzas" e "Minha namorada".
17. Em 1963, Jorge Goulart gravou a "Marcha da quarta-feira de cinzas" e Elizeth Cardoso gravou mais duas de suas canções: "Mulher

carioca" (c/ Baden Powell) e "Menino travesso" (c/ Moacir Santos). No mesmo ano, Elza Soares gravou "Só danço samba", Pery Ribeiro e também o Tamba Trio gravaram "Garota de Ipanema" e Jair Rodrigues gravou "O morro não tem vez", todas com Tom Jobim. No mesmo período, lançou um LP com a atriz Odete Lara, contendo "Berimbau", "Só por amor", "Mulher carioca" e "Samba em prelúdio", entre outras, todas com Baden Powell, com arranjos e regência de Moacir Santos. Ainda em 1963, a Copacabana lançou o LP "Elizeth interpreta Vinícius", contendo parcerias do poeta com Moacir Santos, Baden Powell, Vadico e Nilo Queiroz, com arranjos de Moacir Santos

18. Em 1964, retornou ao Brasil e logo em seguida apresentou-se na Boate Zum Zum, ao lado de Dorival Caymmi, Quarteto em Cy e o Conjunto de Oscar Castro Neves, em show que teve enorme repercussão nos meios artísticos. O show foi lançado em LP da Elenco, com direção de Aloysio de Oliveira, contendo, entre outras, as composições "Carta a Tom", "Dia da criação", "Minha namorada", com Carlos Lyra, "Bom-dia, amigo", com Baden Powell, além das composições "...Das rosas", "Saudades da Bahia", "História de pescadores" e "Adalgiza", todas de autoria de Dorival Caymmi.
19. Em 1965, participou do I Festival Nacional de Música Popular Brasileira (TV Excelsior), obtendo o primeiro e o segundo lugares com suas canções "Arrastão" (c/ Edu Lobo), defendida por Elis Regina, e "Valsa do amor que não vem" (c/ Baden Powell), defendida por Elizeth Cardoso. Também com Edu Lobo, compôs "Zambi" e "Canção do amanhecer", que se engajaram no clima de protesto da época, apresentadas em projetos do CPC (Centro Popular de Cultura) da UNE (União Nacional dos Estudantes). Foi designado para trabalhar na delegação do Brasil junto à Unesco e retornou para a Europa. No mesmo período, trabalhou com o diretor Leon Hirszman no roteiro do filme "Garota de Ipanema" e voltou a apresentar-se no Zum Zum com Dorival Caymmi. Ainda em 1965, lançou o livro "Cordélia e o Peregrino", pelo serviço de Documentação do MEC, e foi realizado, em sua homenagem, o show "Vinícius: poesia e canção", no Teatro Municipal de São Paulo, com roteiro, produção e direção de José Marques da Costa, cenário de Flávio Império e iluminação de Flávio Rangel. O espetáculo contou com a participação da Orquestra Sinfônica de São Paulo sob a regência do maestro Diogo Pacheco. As composições apresentadas receberam arranjos dos maestros Guerra Peixe, Radamés Gnattali, Luiz Eça, Gaya e Luiz Chaves. Entre os intérpretes, estiveram Carlos Lyra, Edu Lobo, Suzana de Moraes, Francis Hime, Paulo Autran, Cyro Monteiro e Baden Powell. Quando o poeta terminou a apresentação da composição "Se todos fossem iguais a você", a platéia respondeu com 10 minutos ininterruptos de aplausos.

20. Em 1966, participou, ao lado de Maria Bethânia e Gilberto Gil, do show "Pois é", no Teatro Opinião, com direção de Francis Hime. Nesse espetáculo foram lançadas para o público carioca as músicas do compositor baiano. No mesmo ano, gravou o LP "Afro sambas", com suas composições em parceria com Baden Powell, que participou da gravação tocando violão. Constam do repertório do disco "Canto de Ossanha", "Canto de Xangô", "Canto de Iemanjá" e "Lamento de Exu", entre outras. No mesmo período, foi convidado a participar do júri do Festival de Cannes, ocasião na qual descobriu que o "Samba da Bênção", de sua parceria com Baden Powell, havia sido utilizado na trilha do filme "Um homem e uma mulher", vencedor do festival, sem os devidos créditos, o que somente foi feito após uma ameaça de processo. Lançou também o livro de crônicas "Para uma menina com uma flor". Entre 1963 e 1967, viveu um período áureo na MPB, no qual foram gravadas cerca de 60 composições de sua autoria.
21. Em 1967, estreou o filme "Garota de Ipanema", que ele sugeriu ao cineasta Leon Hirzman realizar, baseado em sua música homônima, já um sucesso internacional e considerada a mais vendida do repertório brasileiro em todo o mundo depois de "Aquarela do Brasil", de Ary Barroso. Organizou um festival de artes em Ouro Preto. Nesse período, fez viagens à Argentina e ao Uruguai.
22. Em 1968, depois de 26 anos de serviços prestados, foi aposentado do Itamaraty pelo AI-5, fato que o magoou profundamente. Nesse mesmo ano, no dia em que no Brasil era editado o Ato Institucional número 5, Vinícius encontrava-se em Portugal, onde viveu um dos episódios mais marcantes de sua vida. Após um show, foi avisado de que estudantes salazaristas estavam aglomerados na porta do teatro para protestar contra ele. Aconselhado a retirar-se pelos fundos do teatro, optou por enfrentar os protestos. Parando diante dos manifestantes, começou a declamar um de seus poemas que dizia: "De manhã escureço/De dia tardo/De tarde anoiteço/De noite ardo." Um dos jovens tirou então o casaco e o colocou no chão para que o poeta passasse, no que foi imitado pelos outros manifestantes. Ainda em 1968, participou de shows em Lisboa, na companhia de Chico Buarque e Nara Leão. Também nesse ano, prestou histórico depoimento para o Museu da Imagem e do Som, de onde era membro do Conselho Superior de MPB, a convite do fundador da instituição, o crítico Ricardo Cravo Albin, que também o convidara, dois anos antes, a integrar o corpo de fundadores do Clube de Jazz e Bossa. Um ano depois, foi o principal entrevistador, no mesmo ciclo de depoimentos, do parceiro Antônio Carlos Jobim. Fez ainda apresentações em Buenos Aires ao lado de Dorival Caymmi, Baden Powell, Quarteto em Cy e Oscar Castro Neves. Foi lançada no mesmo período sua "Obra poética" em edições Aguilar.

23. Em 1969, apresentou-se ao lado de Maria Creuza e Dorival Caymmi em Punta del Este. No mesmo ano, fez suas primeiras composições com um novo parceiro, o violonista Toquinho, entre as quais, "Tarde em Itapoã", "Testamento" e "Como dizia o poeta". Também nesse ano, fez recital na Livraria Quadrante, em Lisboa, apresentando, entre outros, os poemas "A uma mulher", "Soneto da intimidade" e "O falso mendigo", além de "Sob o Trópico de Câncer", no qual trabalhou durante nove anos. O evento foi gravado ao vivo e lançado em LP pelo selo Festa.
24. Em 1970, apresentou-se, ao lado de Toquinho e Marília Medalha, no Teatro Castro Alves, em Salvador, e na boate La Fusa, em Buenos Aires, em show do qual resultou um LP gravado ao vivo e lançado pelo selo Diorama. Nesse período, dividiu o palco do Canecão (RJ) com o parceiro Tom Jobim, o violonista Toquinho e a cantora Miúcha, relembrando sua trajetória como poeta e compositor. O show ficou em cartaz quase um ano, devido ao grande sucesso obtido.
25. Em 1971, voltou a apresentar-se na Argentina, no Café Concerto de Sylvina e Coco Perez, em Mar Del Plata, com a participação de Toquinho e Maria Bethânia, em show registrado em disco pela EMI, no qual estão presentes, entre outras, algumas parcerias com Toquinho como "A tonga da mironga do Kabulete", grande sucesso na época, "Testamento" e "Tarde em Itapoã". Nesse período, um de seus grandes sucessos foi "Gente humilde", com versos assinados com Chico Buarque sobre antigo choro de Garoto. A música foi gravada pelo parceiro da letra e regravada pouco depois, também com grande êxito, por Ângela Maria.
26. A parceria com Toquinho começou a render vários sucessos e a dupla passou a realizar uma série de shows pelo Brasil, percorrendo todo um inédito, até então, circuito universitário. A dupla também excursionou no exterior. Ainda em 1971, lançou com Toquinho seu primeiro LP na RGE, com destaque para "Maria vai com as outras", "Testamento", Morena flor" e "A rosa desfolhada", parceria de ambos.
27. Em 1972, lançou, com Toquinho, o LP "São demais os perigos dessa vida", com destaque para as composições "Para viver um grande amor", "Regra três", "Cotidiano nº 2" e a faixa-título. As canções, em parceria com o violonista, tornaram-se grandes sucessos. Compôs, com Toquinho, a trilha sonora da novela "Nossa filha Gabriela" (TV Tupi), registrada em disco nesse mesmo ano.

28. Em 1973, apresentou-se ao lado de Toquinho e Clara Nunes no Teatro Castro Alves, em Salvador, no show "O poeta, a moça e o violão".
29. Em 1974, suas composições "As cores de abril" e "Como é duro trabalhar", ambas com Toquinho, foram incluídas na trilha sonora da novela "Fogo sobre terra" (Rede Globo). No mesmo ano, lançou o LP "Toquinho, Vinícius e amigos", com a participação de Maria Bethânia (em "Apelo" e "Viramundo") e Cyro Monteiro ("Que martírio" e "Você errou", últimas gravações do cantor), Maria Creuza ("Tomara" e "Lamento no morro"), Sergio Endrigo ("Poema degli occhi" e "La casa") e Chico Buarque ("Desencontro"). No mesmo ano, lançou o LP "Toquinho e Vinícius", trazendo, entre outras, "Tudo na mais santa paz", "Sem medo" e "Samba do jato", todas com Toquinho, e ainda "Samba pra Vinícius", com Toquinho e Chico Buarque, que fez uma participação especial no disco.
30. Em 1975, lançou o LP "O poeta e o violão", gravado em Milão, com a participação especial dos maestros Bacalov e Bardotti. No mesmo ano, a Philips lançou o LP "Toquinho e Vinícius", com destaque para "Onde anda você", parceria com Hermano Silva e que alcançou enorme sucesso, sendo regravada por Maria Creuza e outros intérpretes. Ainda nesse ano, lançou pela José Olympio o livro de poemas infantis "A Arca de Noé".
31. Em 1976, a RCA Victor lançou o LP "Ornella Vanoni, Vinícius de Moraes e Toquinho - La voglia/La pazzia/L'inconscienza/L'allegria". Também nesse ano, a EMI lançou o LP "Deus lhe pague", com as composições de sua parceria com Edu Lobo.
32. Em 1977, publicou o livro "O breve momento", com 15 serigrafias de Carlos Leão. No mesmo ano, a Philips lançou o LP "Antologia poética", com uma seleção de sua obra poética e participação especial de Tom Jobim, Francis Hime e Toquinho. A Som Livre colocou no mercado "Tom, Vinícius, Toquinho e Miúcha gravado ao vivo no Canecão".
33. Em 1978, a Chantecler lançou "Vinícius e Amália", LP gravado em Lisboa, no qual o poeta canta com a cantora portuguesa Amália

Rodrigues. No mesmo ano, a Philips editou "10 anos de Toquinho e Vinícius", com um resumo de uma década de trabalhos da dupla.

34. Em 1980, saiu pela Ariola o disco "Arca de Noé", no qual diversos intérpretes cantam músicas infantis do poeta, musicadas a partir do livro homônimo. O disco gerou um especial infantil na TV Globo. Na madrugada de julho de 1980, começou a sentir-se mal na banheira de sua casa, na Gávea, onde morava com sua última mulher, Gilda Mattoso, vindo a falecer pouco depois. No mesmo ano, a Ariola lançou "Toquinho e Vinícius - Um pouco de ilusão", último LP da dupla, que totalizou 20 discos gravados.
35. No ano seguinte, foi lançado o volume 2 da "Arca de Noé".
36. Em 1988, foi lançado "Toquinho, Vinícius e Maria Creuza - O grande encontro", pela Som Livre, com a participação de Marília Medalha e Monsueto.
37. Em 1991, foi lançado o CD triplo "A história dos shows inesquecíveis - Poeta, moça e violão: Vinícius, Clara e Toquinho", pela Collector's Editora. Ainda nesse ano, José Castelo publicou, pela Companhia das Letras, o livro "Vinícius de Moraes - Livro de letras".
38. Em 1993, a Lumiar Editora do Rio de Janeiro, de Almir Chediak, editou os três volumes do "Songbook Vinícius de Moraes".
39. Em 1995, a cantora portuguesa Eugênia de Melo e Castro gravou um CD contendo exclusivamente músicas de sua autoria.
40. No ano seguinte, José Castelo publicou, pela Relume-Dumará/Rio Arte, o livro "Vinícius de Moraes".
41. Em 1997, Geraldo Carneiro lançou, pela Toca do Vinicius, "Vinícius de Moraes", uma edição ampliada do livro publicado em 1984, na série Encontro Radical da Editora Brasiliense.
42. Em 2000, por ocasião dos 20 anos de sua morte, foi realizado um show em sua homenagem na Praia de Ipanema, com a participação da

Orquestra Sinfônica Brasileira, Roberto Menescal, Wanda Sá, Zimbo Trio, Os Cariocas, Emílio Santiago e Toquinho, interpretando composições de sua autoria.

43. Em 2001, foi editado, pelo Ministério das Relações Exteriores, em edições trilingües, o livro organizado pela embaixador e acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre os grandes escritores e poetas da diplomacia brasileira, sendo o capítulo a ele dedicado escrito por Ricardo Cravo Albin. O livro foi lançado em brochura pela Editora Franciso Alves ao final de 2002. Nesse ano, foi lançado o "Arquivinho do poeta", contendo documentos, fotos e textos organizados por Lélia C. Frota para a Editora Bem Te Vi.
44. O ano de 2003, em que o poeta completaria seu 90º aniversário, acolheu a realização de vários projetos em tributo à sua criação artística. A gravadora Som Livre lançou o CD duplo "Vinicius 90 anos", produzido por Gilda Matoso, contendo gravações de Agostinho dos Santos ("A felicidade"), Maysa ("Água de beber"), Alaíde Costa ("Insensatez") e Maria Bethânia ("O que tinha que ser"), entre outros artistas, além de depoimentos de Chico Buarque, Tom Jobim e Carlos Drummond de Andrade e Calazans Neto. Olívia Byington regravou, mantendo o mesmo título, as canções do histórico disco de Elizeth Cardoso "Canção do amor demais" (1958), que consolidou a parceria do poeta com Antonio Carlos Jobim. O CD "Miúcha canta Vinicius & Vinicius - Música e letra", contendo exclusivamente obras do poeta sem parceiros, foi lançado pela cantora. Virgínia Rodrigues regravou os afro-sambas, parcerias com Baden Powell, no CD "Mares profundos", lançado nos Estados Unidos pelo selo Deutsche Grammophon. Foi lançado o website [www.viniciusdemoraes.com.br](http://www.viniciusdemoraes.com.br), registrando altos índices de visitação. Chegou às livrarias o "Cancioneiro Vinicius de Moraes: Orfeu" (Jobim Music), songbook do espetáculo "Orfeu da Conceição", encenado em 1956 no Teatro Municipal, trazendo 14 partituras das canções compostas com Tom Jobim, desenhos de Carlos Leão e Carlos Scliar, cartazes, críticas, capas de discos, textos de Sérgio Augusto, Susana de Moraes, Paulo Jobim e Cacá Diégues, uma edição assinada por Maria Lúcia Rangel dos textos do poeta sobre a criação da peça e a correspondência mantida com Tom Jobim acerca da primeira adaptação da obra para o cinema, realizada por Marcel Camus, em 1959, com o título de "Orfeu negro".
45. Em 2005, "The Girl from Ipanema", histórica gravação de Astrud Gilberto, ao lado de Tom Jobim, João Gilberto e Stan Getz, realizada em 1963, foi escolhida como uma das 50 grandes obras musicais da Humanidade pela Biblioteca do Congresso Americano. Também em 2005, estreou, na abertura da sétima edição do "Festival do Rio", o documentário "Vinicius", dirigido por Miguel Faria Jr. e produzido por Suzana de Moraes, filha do poeta, com a participação de Chico Buarque, Carlos Lyra, Caetano Veloso, Maria Bethânia, Adriana Calcanhoto, Mariana de Moraes e Olívia Byington, entre outros

convidados. A trilha sonora do filme foi lançada em CD pela Biscoito Fino.

46. Em 2007, foi lançado "Cancioneiro Vinicius de Moraes - Biografia e obras escolhidas" (Jobim Music), contendo partituras, biografia, fotos e cartas. A pesquisa realizada para a produção do livro revelou a letra "Bonita demais", escrita para a música "Bonita", de Tom Jobim, gravada com letra original em inglês de Tom em parceria com Gene Lees e Ray Gilbert no disco "A certain Mr. Jobim". Revelou ainda a canção inédita "Por onde andará o amor", parceria de Tom e Vinicius que acabou ficando de fora do disco "Antonio Brasileiro", de 1994. Nesse mesmo ano, foi lançado o CD "O cinema de Pixinguinha", reunindo pela primeira vez em disco a trilha do filme "Sol sobre a lama", de Alex Viany, para a qual o poeta escreveu cinco letras, em regravações de Elza Soares ("Mundo melhor"), Jards Macalé ("Samba fúnebre"), Diogo Nogueira e As Gatas ("lemanjá"), Marcelo Vianna e Mariana de Moraes ("Lamento") e Céu ("Seule", com letra em francês).
  
47. Em 2008, foi lançado o livro "Samba falado" (Azougue Editorial), organizado por Miguel Jost, Sergio Cohn e Simone Campos, com o texto de apresentação de Miguel Jost "A bênção, Vinicius", contendo crônicas musicais deixadas pelo poeta.
  
48. Em começo de 2008, a Fundação Alexandre de Gusmão prestou-lhe uma grande homenagem no velho Palácio do Itamaraty, no Rio, onde Vinícius trabalhou durante décadas. Deu-lhe o nome a uma ala do Palácio, inaugurando seu busto em bronze feito em alto relevo, ocasião em que houve uma celebração pública juntando 300 pessoas e reunindo as Escolas de Samba da Mangueira e da Portela.
  
49. Em 2009, um abaixo-assinado criado pelo Instituto Cultural Cravo Albin arrecadou quase mil assinaturas pedindo a promoção "post mortem" do Secretário Vinícius de Moraes a Embaixador da República.
  
50. Depois de o Chanceler Celso Amorim propor ao Presidente Lula a promoção de Vinícius a Embaixador, o Presidente enviou ao Congresso Nacional a mensagem, que transitou durante quase um ano.

51. Finalmente, no dia 21 de junho de 2010, o Presidente da República assinou a Lei 12.265, que promoveu “post mortem” Vinícius a Embaixador. Em outubro do mesmo ano, em solenidade no Palácio do Itamaraty em Brasília a que acorreram todo o Ministério e o corpo diplomático, o Poeta da Paixão foi consagrado publicamente como Embaixador do Brasil.

Este ano, quando se comemora os cem anos do seu nascimento, é importante avaliar qual a sua contribuição para a cultura brasileira.

O objetivo da audiência proposta é avaliar elementos como estes. E nada mais adequado do que fazer o debate nesta Comissão, com a presença de músicos, pesquisadores de música e do diretor que fez o filme.

Em face do exposto, solicitamos aos nobres pares que apoiem a realização desta audiência.

Sala das Comissões, de outubro de 2012.

**DEP. PENNA**

**PV-SP**